

# POD CAST JHSP



Japan House

Episódio 04

**Miyazaki, Takahata e Studio Ghibli: quando a animação japonesa dá aula pro ocidente**

**Natasha:** Oi. Sejam bem-vindos ao quarto episódio da terceira temporada do podcast da Japan House São Paulo. Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House, e vou te levar comigo pra mais uma viagem pela cultura japonesa. Nesta temporada, o tema é cinema! E em cada um dos oito episódios, a gente vai mergulhar em um grande tema que atravessa o cinema japonês. E quem me acompanha aqui é o Pedro Butcher, professor e crítico de cinema.

**Pedro:** Nos episódios que já foram ao ar — e que você pode maratona assim que terminar esse aqui — a gente já falou de um monte de filme, um monte de diretor... Mas no episódio de hoje a gente vai falar de um estúdio.

**Natasha:** Pois é. Quando você pensa em animação japonesa, eu aposto que vêm a sua mente filmes como A Viagem de Chihiro, Meu Amigo Totoro, A Princesa Mononoke, O Serviço de Entregas da Kiki...

**Pedro:** O que talvez nem todo mundo saiba, é que esses filmes dividem a mesma casa: o Studio Ghibli.

**Natasha:** No episódio de hoje do podcast da Japan House São Paulo, as mentes geniais por trás desse estúdio: Hayao Miyazaki, Isao Takahata e o Toshio Suzuki.

**Natasha:** Já virou tradição nesta temporada a gente dar um passinho para trás logo no início do episódio, antes de entrar no tema principal. Eu juro que não é pra encher linguiça, mas porque, quando a gente fala de arte, o contexto é tão importante quanto a obra em si. E, no que diz respeito à animação japonesa, por ela estar tão presente assim no nosso imaginário e na cultura pop, talvez a gente ache que já sabe o bastante. Mas, Pedro, eu te pergunto, de onde vem a animação japonesa? Ou melhor, de onde vêm os animes?

**Pedro:** O João Lanari Bo, um diplomata e professor de cinema na Universidade de Brasília, que a gente já ouviu em alguns episódios, lançou uma isca bem legal sobre como tudo isso começou.

**JOÃO LANARI BO:** Aquelas gravuras japonesas, as famosas gravuras, essa tradição pictórica japonesa, gravuras, pinturas, têm uma densidade impressionante, né, então eu acho que seria inevitável que de repente uma animação forte fosse nascer daí, né? A gravura japonesa influenciou os impressionistas, né? O Van Gogh era totalmente seduzido pelas gravuras japonesas, pelas cores, pelos crepons e eu acho que a animação passa por aí, né, passa por essa tremenda tradição de organizar imagens, de fazer as imagens contarem histórias...

**Natasha:** A ilustração japonesa é uma tradição artística muito antiga, é difícil até falar com precisão de quando ela começou.

Dá pra bater o martelo, no entanto, sobre o período no qual ele ganhou força: o período Edo, a partir de 1603. Nessa época, a produção gráfica do Japão sofreu um aumento considerável com a popularização dos Ukiyo-e, que numa tradução literal significa retratos do mundo flutuante.

**Pedro:** O Ukiyo-e é um gênero de impressão em xilogravura desenvolvido entre o século XVII e o começo do século XX no Japão, em que eram retratados os modos e costumes, umas cenas da vida cotidiana e a natureza do Japão. Essas pinturas são o que a gente conhece aqui no Ocidente como "gravuras japonesas".

**Natasha:** Ou seja, mais uma das coisas que o Japão entende e muito, que é a ilustração, o desenho. Mas quando é que ele começou a ser animado?

**Pedro:** Natasha, eu encontrei todas as respostas pra essa sua pergunta num artigo da Cristiane Sato, que faz parte da Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Ilustrações, a ABRADEMI.

Ela conta que boa parte dos fãs de animação japonesa costumam afirmar, de maneira equivocada, que Hakujaden, que pode ser traduzido de maneira literal como A Lenda da Serpente Branca, foi o primeiro desenho animado japonês. O filme é um longa-metragem, que foi produzido já em cores, em 1958, com direção de Taiji Yabushita.

**Natasha:** Só que essa informação desconsidera toda a produção independente e comercial que houve no Japão desde 1910. Essas, que são consideradas as primeiras animações japonesas. Na maior parte eram curta-metragens mudos, feitas a nanquim. Elas ganharam som em 1930 e cores em 1950.

**Pedro:** E eu aposto que você deve tá se perguntando quando que surgiu o termo anime, que pegou tanto que até aqui no Brasil é como a gente conhece as animações japonesas, né? Até a ocupação americana, do pós segunda-guerra, os desenhos animados no Japão eram genericamente chamados de “douga” ( “imagens em movimento”). Essa expressão servia também para definir “filme”. Não havia em japonês uma palavra distinta que significasse “animação”. Foi a influência estrangeira que trouxe ao idioma japonês novas expressões, agora derivadas do inglês, como “ea-kon” para “ar condicionado” e “aisukurimu” para “sorvete”.

Daí, a partir da década de 50, a expressão “anime”, derivada do inglês “animation”, passou a ser usada como sinônimo de desenhos animados de origem japonesa.

**MIKANNN** Eu lembro que passava bastante na TV aberta e tinha vários animes que passavam.

**Natasha:** Essa é a Míriam Castro, mas talvez você conheça ela pela alcunha de Mikannn, com três n's no final. Ela é jornalista, youtuber e completamente alucinada por desenhos animados japoneses. Como a maioria dos brasileiros nascidos nos anos 90, ela foi apresentada a esse universo pela TV aberta.

**MIKANNN** E tinha o Fly, que hoje em dia até está rolando a nova versão, que é o Dai, que era baseado em Dragon Quest... Eu lembro que eu via no SBT. A TV Globinho, tinha bastante coisa também, mas eu via como qualquer outro desenho assim, sabe? Não diferenciava muito. E o que mais me físgou assim quando era pequena, foram duas animações. Uma era a animação de Pokémon, porque eu era louca por Pokémon e meus pais até não me deixavam assistir porque tinham ouvido falar que era violento e tudo mais. Aí o meu primo estava assistindo, assisti com ele e a partir dali eles deixaram, né...

**Pedro:** Os animes chegaram no Brasil por volta da década de 60, e foram exibidos pela Globo, a extinta TV Tupi e outras emissoras — um destaque aqui pro “Menino Biônico”, que foi exibido aqui em 1983. A animação é de Osamu Tezuka, considerado pai do mangá, que também é criador do famoso Astro Boy. Outro destaque da época é a animação Akira de Katsuhiro Otomo, que foi a primeira animação japonesa a ser exibida no grande circuito dos cinemas brasileiro, em 1991 e é considerado um marco da cibercultura. Apesar disso, foi somente em 1994, que os animes bombaram de vez, quando Cavaleiros do Zodíaco começou a passar na extinta TV Manchete. Depois, até 1999, a emissora apostou em outros títulos como Yu Yu Hakusho, Sailor Moon, Samurai Warriors, Shurato e Super Campeões. Com a popularização dos animes no Brasil, outras emissoras de televisão começaram a exibir outros títulos, como Pokémon e Dragon Ball, por exemplo.

**MIKANNN** Mas teve outro que aí sim, foi um que eu vi na banca de jornal e quis e deu certo comprar que foi uma fita VHS das Guerreiras Mágicas de Rayearth, que nossa, eu acho que tinha dois ou três episódios só e eram os únicos que eu tinha e eu ficava assistindo aquilo repetidamente. Assim, era muito legal, então acho que foi a minha primeira grande paixão. Eu era muito pequenininha, mas já gostava bastante.

**Natasha:** No caso da Mikannn, eles foram porta de entrada para um outro universo.

**MIKANNN** A minha história com o Studio Ghibli é bem antiga. Eu tinha uma relação que não era muito próxima com as animações japonesas, então eu não era uma pessoa que assistia muito, assistia o que estava passando na TV ou então o VHS que eu gostava. Mas eu gostava tanto quanto eu gostava de um filme da Disney, sabe? Não era nada especial. Só gosto desse tipo de animação, só animações japonesas. Mas um dia eu fui ao cinema com minha família e a gente viu que estava em cartaz o filme que tinha ganhado o Oscar de melhor animação, que era A Viagem de Chihiro. E a gente estava sem ideia do que assistir, viu o pôster lá eu, minha mãe, meu pai e meu irmão. Então, assim eu e meu irmão, a gente desde pequeno a gente lê legenda e tudo mais, então vamos ver o filme legendado. Nisso eu tinha uns nove anos de idade por aí. E a gente não se tocou que o filme era legendado, mas o áudio era em japonês. Minha mãe é professora de inglês, então ela estava achando ah eles vão ver um filme aí com o áudio em inglês e eles leem a legenda. Mas, no fim das contas, todo mundo teve que ler a legenda porque o filme era em japonês e foi diferente de tudo que eu tinha visto na minha vida. E não só eu, mas a minha família inteira saiu impactada, foi algo que mexeu muito com todo mundo. Meu irmão era um pouquinho menor, mas mesmo assim ele gostou bastante e meus pais ficaram embasbacados. E eu brinco que aquele dia mudou minha vida pra sempre, porque foi um dia que me abriu para possibilidades do cinema, possibilidades do cinema de animação e também, conforme eu fui crescendo, que eu fui percebendo como era acompanhar diretores

de cinema específicos, no caso o Hayao Miyazaki. Depois eu descobri, olha, tem outros filmes desse mesmo cara, então vou assistir.

**Pedro:** O Studio Ghibli tem uma imensidão de filmes, são mais de vinte. E tudo isso começou com uma amizade.

**TAKASHI YAMANISHI:** O estudo Ghibli, na verdade, iniciou-se com a iniciativa de três co-fundadores, o Hayao Miyazaki, Isao Takahata e o Toshio Suzuki.

**Natasha:** Esse é o Takashi Yamanishi, professor de língua e cultura japonesa. Ele também dá aula sobre o Studio Ghibli, e aqui eu não tô usando figura de linguagem não, ele realmente dá aulas sobre o estúdio.

**TAKASHI YAMANISHI:** Uma coisa que eu gosto bastante, passei a gostar depois que comecei a dar as aulas e cursos envolvendo os filmes do Studio Ghibli, é que a partir da obra a gente entende a história do artista e o próprio Miyazaki falar que é impossível, é complicado fazer filme porque, querendo você, querendo ou não querendo, vai transparecer parte de si.

**Pedro:** Então vamos conhecer esse trio de amigos: o Hayao Miyazaki, o Isao Takahata e o Toshio Suzuki. E, pra isso, uma trilha de O Castelo no Céu, que foi o primeiro filme do estúdio, não faz mal a ninguém, né? O animador e diretor Hayao Miyazaki nasceu em 1941, em Tóquio. Ele é o segundo dos quatro filhos de Katsuji Miyazaki, diretor da Miyazaki Airplane, que fabricava peças para os caças de combate japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. E ele começou desenhando justamente a maior paixão da família: aviões.

**Natasha:** Já o diretor Isao Takahata, nascido em 1935, diferentemente da maioria dos diretores de anime, não desenhava e nunca trabalhou como animador antes de se tornar um diretor de fato. Seus hobbies sempre foram música e literatura. Ele, inclusive, se formou na Universidade de Tóquio no curso de literatura francesa.

**Pedro:** Quem também se formou em literatura foi o produtor Toshio Suzuki. Ele, que é o mais novo do trio, nasceu em 1948, e começou a carreira como editor de mangás.

**TAKASHI YAMANISHI:** Esses três grandes nomes vêm à tona quando falamos do estúdio. Ele foi criado no contexto de que eles precisavam de um local para produzir os filmes autorais e, voltando um pouco atrás, o Hayao Miyazaki e o Isao Takahata, sempre trabalharam juntos. O Takahata estava em uma posição praticamente de mestre do Hayao Miyazaki. Trabalharam em diversas obras, inclusive eles trabalharam juntos na Toei Animation, que é um grande

estúdio de animação do Japão. Dragon Ball, One Piece, diversos animes hoje em dia são produzidos pela própria Toei, e eles também tinham projetos de produzir animações, mas eles viram uma limitação no momento de criar as animações que o mercado exigia, que o prazo era curto.

**Natasha:** Essa rotina de produção quase que industrial da Toei Animation, fazia com que o Miyazaki e o Takahata sentissem como se toda a criatividade deles estivesse sendo podada. Eram ideias demais fervilhando na cabeça desses dois.

**TAKASHI YAMANISHI:** às vezes eles não conseguiam transmitir o que era a grande paixão dele, na animação, que é retratar os aspectos psicológicos, por exemplo, dos personagens. E visto que isso aconteceu e dada essa dificuldade, eles passaram a produzir filmes autorais.

**Natasha:** Em 1985, Miyazaki e Takahata juntaram forças com o terceiro elemento, o produtor Toshio Suzuki, pra fazer os animes do jeito que sempre quiseram fazer. E foi rápida a coisa: somente um ano depois, em 1986, o filme O Castelo no Céu levou nada menos que 775 mil pessoas aos cinemas – um sucesso de bilheteria e de crítica. O avião tinha levantado voo.

**Pedro:** Avião?

**Natasha:** Bom, pra quem não sabe, Ghibli era o nome usado pra denominar a esquadrilha italiana na Segunda Guerra Mundial. A palavra vem do árabe e significa: "vento quente que sopra no Saara".

**Pedro:** Uau, essa eu não sabia.

**TAKASHI YAMANISHI:** Então, a ideia deles é o que está aí transmitido no nome literal do Ghibli é que eles queriam ser o novo vento da animação japonesa. E dito e feito.

**Pedro:** Dito e feito mesmo. Dois anos depois de O Castelo Animado, o Studio Ghibli surpreendeu mais uma vez lançando dois filmes ao mesmo tempo. Meu Amigo Totoro, dirigido pelo Hayao Miyazaki, e Túmulo dos Vagalumes, de Isao Takahata, são obras primas consideradas por muitos os melhores filmes do Studio Ghibli até hoje. O Totoro que dá título ao filme do Miyazaki, inclusive, se tornou o logo do estúdio.

**Natasha:** Que curioso esses dois filmes terem saído no mesmo ano, porque, apesar de serem de um mesmo estúdio, eles têm uma pegada muito diferente. O Totoro é mais infantil, né, tem aquela coisa da inocência da criança; e o Túmulo dos Vagalumes

é um filme bem mais denso e que, apesar de ser uma animação, foi considerado um dos melhores filmes de guerra já feitos. Eu perguntei sobre essa diferença entre os dois diretores pro Takashi.

**TAKASHI YAMANISHI:** Uma comparação que é bastante feita entre o Miyazaki e o Isao Takahata é de que o Isao Takahata ele produz obras que parecem um museu de arte. Você pisa lá, entra, reflete. Você é chocado e às vezes é difícil de captar todas as informações que ele tem para transmitir, porque o nível de cultura que ele exige dos espectadores é muito alto. E o próprio Isao Takahata, é um grande intelectual formado na Universidade de Tóquio, traz várias referências culturais dentro das obras. Já algumas pessoas consideram o Miyazaki como um parque de diversões. Ele faz obras fantásticas que não necessariamente têm um enredo que faz sentido. Mas as crianças vão lá, assistem, ficam fascinadas e vão embora. Talvez essa seja uma diferença um pouco marcante entre os dois. De um fazer uma obra mais para as pessoas ficarem mais reflexivas e outras, digamos, para entreter, o Miyazaki, que, no final das contas, faz filmes voltados para o público infantil. E uma coisa que é fundamental diferenciar do Miyazaki e do Isao Takahata é que o Takahata não desenha. Ele faz histórias, ele dirige, mas não é quem ilustra. O Miyazaki está lá fazendo storyboards e fazendo as ilustrações, corrigindo tudo à mão mesmo. E quando ele não gosta, ele mesmo apaga e vai refazendo a cena. Então, Miyazaki é a pessoa que bota, digamos, a mão na massa e está presente em todas as etapas, inclusive na parte de ilustração. Já o Isao Takahata, ele não ilustra, ele mais orienta e é uma mente difícil, porque, já que não consegue ilustrar, fica mais difícil trazer à tona o que ele quer. Então, as pessoas sofriam muito na mão, mas o Isao Takahata é uma grande referência dentro da animação.

**Pedro:** Por causa dessa tal "mente difícil" do Takahata, algumas pessoas chegaram até a tentar pintar ele e o Miyazaki como rivais. Mas o Takashi garante que isso é tudo intriga da oposição.

**TAKASHI YAMANISHI:** Muitas vezes as pessoas mostram o Isao Takahata e o Miyazaki como rivais, duas pessoas que estão, digamos, em contraponto. Mas na verdade, o Miyazaki deve muito ao Isao Takahata, tanto é que ele esteve na carreira de animador do Miyazaki, começou sendo, digamos, nessa relação de mestre e aprendiz com o Isao Takahata, o Isao Takahata criou, digamos, a base praticamente da animação. É aquelas coisas que são tão vanguardas que são tão naturalizadas hoje em dia, mas que na época

foi inovador, como por exemplo, trazer esses aspectos psicológicos dentro das tramas que eles conduzem.

**Natasha:** O Suzuki, terceiro elemento do Studio Ghibli já disse uma vez que Miyazaki e Takahata eram uma espécie de "concorrentes amigáveis". E que lançar dois filmes ao mesmo tempo sempre foi a grande motivação deles, uma maneira de criar uma competição saudável, que fazia com que os dois sempre tentassem chegar ao melhor resultado possível.

**Pedro:** Os dois permaneceram amigos até a morte do Takahata, em 2018. E, Natasha, tem um vídeo lindo de uma homenagem que o Miyazaki fez ao diretor, no funeral dele, onde ele conta que os dois se conheceram num ponto de ônibus, durante uma chuva danada. Bom, quem não se lembra da cena do Totoro com a Mei, cada qual segurando seu guarda-chuva, num ponto de ônibus?

**Natasha:** É inesquecível mesmo. Bom, o reconhecimento de Meu Amigo Totoro e Túmulo dos Vagalumes foi um dos fatores que contribuíram para que o próximo filme do estúdio atingisse um número surpreendente de espectadores. Mais de 2 milhões e meio de espectadores foram ao cinema em 1989 para assistir O Serviço de Entregas da Kiki, foi o filme mais visto no Japão durante aquele ano. A gente falou sobre esse filme e o livro que deu origem a ele no episódio sobre adaptações literárias nessa temporada. Depois vieram Memórias de Ontem, do Takahata, Porco Rosso, do Miyazaki — que, inclusive, fez uma bilheteria maior do que a de A Bela e a Fera da Disney —, A Grande Batalha dos Guaxinins, do Takahata, Princesa Mononoke, do Miyazaki, Memórias de Ontem, do Takahata... Enfim, um caminho bastante exitoso que teve o seu ápice em A Viagem de Chihiro, em 2001.

**ARNALDO LORENÇATO:** Bom, A Viagem de Chihiro é daqueles filmes memoráveis, que vão marcar eternamente as gerações de tão bonito que é essa animação, esse filme, né.

**Pedro:** O Arnaldo Lorençato, nosso crítico gastronômico e de cinema, contou pra gente a história do filme — que, aliás, tem comida à beça. Mas se você ainda não viu o filme, calma que não vai ter nada aqui que vai estragar sua experiência.

**ARNALDO LORENÇATO:** A gente tem ali uma família que está de mudança de cidade. Aí, pai, mãe e filha, menina boba, mimada, filha única e tal, e a história é que eles acabam pegando, o pai tenta pegar um atalho e esse atalho conduz a um túnel que vai conduzir a um outro lugar. Eles vão andando ali, um lugar super bucólico, retirado da cidade. Nada com aquele aspecto urbano, é muito mais bucólico, muito mais antigo e tradicional. A menina resiste porque ela é chatinha, sabe? Ela não quer que os pais... "não entrem ali. não entrem aí". E ela está assustada com tudo e os pais entram. E tem ali



um lugar que é uma seleção de restaurantes e um deles tem comida. E o pai diz assim: Olha, eu tenho cartão de crédito, eu tenho dinheiro. Portanto, vão me servir. Quando chegarem - que não aparece ninguém para servir - eu vou começar a comer. Eles começam a comer aquelas comidas lindas, colocadas no balcão alucinadamente, e a menina não quer comer. Ela se recusa a comer e ela resolve dar uma volta e explorar o lugar e ela acaba encontrando um menino chamado Haku, que vai ser super importante no desenvolvimento da história. Ela volta e quando ela volta já está anoitecendo e os pais viraram porcos. A primeira coisa é que é uma parábola e é um rito de passagem. Ela vai sair da infância para adolescência de maneira muito clara.

**Pedro:** A Viagem de Chihiro foi uma das poucas animações da história do cinema a receber o prêmio principal de uma grande premiação internacional de cinema, ele recebeu o Urso de Ouro no Festival de Berlim e foi o primeiro longa de animação em outra língua, que não o inglês, a receber o Oscar de Melhor Animação. Ou seja, A Viagem de Chihiro apresentou a animação japonesa pra muita gente. E não só isso, ele também pode ser considerado uma porta de entrada pro cinema japonês pra um público que não conhecia o cinema japonês. E eu acho que o principal fator desse encantamento tá no fato justamente do A Viagem de Chihiro apresentar um universo e apresentar uma estética de animação totalmente diferente daquela que a gente tá acostumado, que é aquela dos estúdios Disney.

O fato dele apresentar esse encantamento, trazendo uma dimensão espiritual muito diferente da nossa percepção do ocidente, uma animação com uma estética que não tem aquela ambição realista e que não traz aquela coisa da Disney de trazer animais humanizados ou ter a necessidade de ser um filme musical. Tem uma importância muito grande a música no filme, mas o filme não é necessariamente um musical. Enfim, são muitos os elementos que fazem de A Viagem de Chihiro um filme muito diferente, que abre a percepção e estende um pouco o que é considerado animação pra um monte de gente. Mas eu vou deixar o Takashi falar mais sobre isso.

**TAKASHI YAMANISHI:** Chihiro é o filme mais conhecido, sem dúvidas, dentro do Studio Ghibli, e teve toda essa questão do holofote que teve por conta do Oscar, mas precisamos também dar um passo atrás e lembrar qual foi o contexto em que isso aconteceu. Teve antes do Chihiro, teve a Princesa Mononoke, que foi um baita de um sucesso de bilheteria no Japão também. E tudo isso tem alguns dedos aí do Toshio Suzuki, que é o produtor, é o cara do marketing e o cara que soube vender e fez uma baita de uma propaganda para vender A Princesa Mononoke e com todo este know how que ele tinha da Princesa Mononoke e também com o início da parceria com a própria Disney, com a distribuição no Ocidente, que iniciou também com a Princesa Mononoke, abriu-se as portas para difundir o trabalho

do Studio Ghibli, e no contexto da Chihiro, teve alguns motivos que dava para dizer que faz sentido ter acontecido, porque o orçamento que foi trazido para a Chihiro foi gigantesco. Todos os animadores já estavam super experientes, então o estúdio já estava numa fase madura para conseguir produzir filmes de qualidade. Então foi uma consequência de diversos fatores, não apenas do filme em si, que claramente é fantástico, mas que teve toda essa questão dos bastidores, sobretudo do produtor Toshio Suzuki, que foi movimentando e negociando com as bilheterias e com relações internacionais para que culminasse no Oscar.

**Natasha:** Tem uma coisa que nem todo mundo sabe, Pedro, é quem foi a inspiração para o Miyazaki criar a Chihiro. Tudo começou com a filhinha de dez anos do Seiji Okuda, que era produtor associado do filme.

**TAKASHI YAMANISHI:** Tanto é que quem foi ao Oscar não foi nem o Miyazaki, foi uma pessoa que trabalhava junto com eles, que inspirou inclusive a própria Chihiro. Uma coisa que o Miyazaki fala é que a inspiração está num raio de três metros e a inspiração da Chihiro foi uma menina que se chama Chiaki, que era filha de um casal de amigos que ele tinha, então inclusive a cena em que o sapato vai embora e é levado pelo rio, é baseado no episódio que eles tinham no churrasquinho que eles estavam fazendo na beira do rio. E quem foi receber a premiação do Oscar foi justamente o pai da Chiaki, ou seja, o equivalente ao pai da Chihiro que foi lá receber e receber o Oscar.

**Pedro:** Dito isso, antes da gente passar pro nosso filme queridinho, acho importante trazer aqui algumas das principais temáticas dos filmes do Miyazaki — que, querendo ou não, são os que ganharam mais fôlego ao redor do mundo.

**TAKASHI YAMANISHI:** O Miyazaki é conhecido por criar filmes infantis e filmes voltados para crianças, mas com temáticas super adultas. Seja os elementos da relação dos humanos com a natureza que é presente desde Nausicaã de 1984, presente em A Princesa Mononoke, presente em Chihiro também, de certa forma, tem a temática do voo, a família do Miyazaki vem de um contexto de ter uma indústria de aviação. Ele retrata muita a questão da natureza, porque ele viu o Japão sofrendo todas as consequências da modernização, da destruição da natureza, do verde, a natureza sendo destruída. Todas essas temáticas são trazidas não necessariamente em primeiro plano, mas de forma sutil, dentro dos filmes. E isso é uma coisa que chama bastante atenção. Outra coisa que costuma ser trazido como destaque do Miyazaki é a questão do protagonismo

feminino dentro das obras dele. A grande maioria dos personagens que o Miyazaki traz tem uma mulher como protagonista. Ele retrata algumas questões pessoais, como a representação de forma indireta, mas da família dele, sobretudo a figura da mãe, bastante presente nas personagens femininas, muitas vezes as personagens femininas, sendo retratadas de forma bastante forte e bastante intensa. Uma característica bem comum desses filmes do Miyazaki e filmes japoneses como um todo e o que faz com que as pessoas do Ocidente fiquem com uma pulga atrás da orelha “Eu não consigo entender”. É que muitas vezes não tem uma conclusão: os japoneses não têm uma resposta pronta. Não têm, por exemplo, o bem e o mal muito bem definidos. Então, mostra esse dilema e o próprio Miyazaki fica lutando e fica refletindo sobre toda essa condição humana, porque essa também, no final das contas, é a sociedade em que vivemos, né?

**Natasha:** Ouvindo o Takashi falar sobre a natureza nos filmes do Miyazaki e, principalmente, a respeito do fascínio dele com a aviação, com o voo... Eu fiquei pensando que, com exceção de um filme em específico, todos os demais se passam na terra ou no ar.

**TAKASHI YAMANISHI:** Ponyo, na verdade, foi um grande desafio que o Miyazaki quis fazer, o Miyazaki era muito bom em retratar a terra e o céu, seja nos voos, ou seja, na natureza. Mas dentro da animação, foi um baita desafio tentar retratar a água, o ambiente aquático. E, se você notar, é o único filme em que tudo se passa dentro de dentro da água. A intenção do Miyazaki era fazer um personagem tão atraente quanto o Totoro, ele queria fazer um personagem tão forte quanto... O Totoro foi a realização de um sonho, mas também um pesadelo, porque é o filme que Miyazaki nunca conseguiu superar, ele não consegue fazer algo melhor do que ele fez em Totoro. E Ponyo surgiu com esse intuito.

**Pedro:** Ponyo - Uma Amizade que Veio do Mar é de 2008 e estreou em 2010 no Brasil. Tem quem ache que o Miyazaki não conseguiu superar o Totoro nesse filme, mas eu tenho uma amiga que é totalmente Ponyo lover.

**TATIANA LEITE:** Pera, gente, que a Ponyo realmente tá aqui querendo aparecer (risos)

**Pedro:** Essa é a Tatiana Leite, produtora cinematográfica. A gatinha dela, inclusive, que tentou roubar a cena durante a entrevista, se chama Ponyo, em homenagem à personagem do filme do Miyazaki.

Vou deixar que ela, a Tatiana, conte a história da Ponyo do filme.

**TATIANA LEITE:** Ponyo é uma peixinha que mora com as irmãs, ela tem um pai, que fica um pouco aberto, parece que ele já foi humano em algum momento, mas ele é um feiticeiro que tá sempre experimentando coisas dentro do mar. A mãe que é muito admirada é um pouco ausente, e ela, por uma série de motivos, ela tem um desejo gigante de ser humana, de participar da vida na terra. Então ela quer de todo jeito sair do mar. E ela conhece um pouco os segredos dos feitiços do pai e toma algumas poções e com a ajuda das irmãs que a acobertam, ela consegue escapar uma primeira vez do mar. E ela tem esse encontro com o Sosuke, que é uma criança, imagino ter sete ou oito anos, e ele fica muito impressionado com ela, ainda ainda peixinha, né, e criam ali uma relação de amor. Ele, menino, ela peixe e ele começa a cuidar dela. Até o momento onde ela é recapturada pelo pai, é devolvida pro mar, e ali ela tem certeza absoluta, ela tá apaixonada pelo Sosuke e é muito romântico isso. Eles são crianças, mas é um amor desses amores para sempre. E ela volta pra encontrá-lo e eles vão passar por uma jornada onde o tempo tá ali um pouco paralisado e misturado, o passado e o futuro a partir de forças da natureza, e vão tentar alguns desafios para ficarem juntos. Eu acho que é sobretudo uma história, uma grande história de amor com um milhão de camadas geniais que só o Miyazaki consegue colocar num único filme.

**Natasha:** É uma coisa super interessante sobre Ponyo, é que o filme foi totalmente desenhado a mão, sem nenhum tipo de computação gráfica. Dá pra imaginar o trabalho que foi fazer isso. Mas valeu a pena, porque o resultado é realmente incrível.

**TATIANA LEITE:** Eu acho que comparando com outras animações, ele usa muita coisa da aquarela. São cores, como se nós estivéssemos vendo ele pintar ao longo do processo. A abertura da Ponyo é muito impressionante, os créditos de abertura, ali realmente são quase uma pintura. Que enfeitiça a gente, já vi crianças sendo enfeitiçadas só por essa abertura.

**Natasha:** Nossa, é uma pena que a gente não tenha imagem aqui agora no podcast, porque é uma coisa de louco essa abertura. Me lembrou muito o último filme do Takahata, O Conto da Princesa Kaguya, que saiu em 2013. Ele foi o filme mais caro da história do Studio Ghibli, levou oito anos para ser produzido porque o desenho dele foi inteiramente feito à mão, lembrando o estilo sumi-e, com linhas bem suaves. O filme é baseado numa fábula clássica japonesa, do século X, chamada O Conto do Cortador de Bambu. A menina protagonista, a Kaguya, nasce de um broto de bambu e tem uma relação misteriosa com a lua.

Essa história é tão emblemática no Japão que existe uma sonda espacial japonesa que foi apelidada de Kaguya. A Japan House São Paulo até produziu um vídeo baseado nesse conto com ilustrações do Daniel Kondo e narração da cantora Carol Naine, especialmente para a Semana Espacial Brasil-Japão em 2021. A gente vai deixar o link aqui na descrição do episódio!

**Pedro:** O conto da princesa Kaguya é um filme que conta com natureza pra caramba, como o Miyazaki e o Takahata gostam. Mas, voltando a Ponyo, eu aproveitei pra perguntar pro professor Takashi Yamanishi como a natureza aparece nesse filme.

**TAKASHI YAMANISHI:** Claramente tem alguns recados, né? Seja ao mostrar o mar totalmente poluído na cidade, em que o Sosuke mora, mostrando também a imensidão e a força que a natureza tem, seja em forma de onda, seja em forma de toda a diversidade biológica da vida que tem lá dentro. Isso é muito marcante mesmo. Então, em termos de natureza, Ponyo também traz algo muito forte e é muito lindo ser retratado e a grande maioria, isso é importante notar que nas obras do Miyazaki, ele dificilmente vai ilustrar uma folha genérica, uma planta genérica, um peixe genérico, um animal genérico, não. Se a gente observar com atenção, com um olhar de biólogo...e aqui que eu brinco que eu sou um biólogo fajuto. Eu me formei em biologia, mas não trabalho com isso. Mas quando você analisa as plantas que aparecem, por exemplo, em Totoro ou até mesmo Ponyo, eles têm nome. Ele tem gênero, espécie e a gente consegue categorizar. Claro que vai ter um animal, uma planta que seja da invenção do Miyazaki, mas todas elas partem de observações. É uma coisa que ele fala e reclama hoje em dia é que os animadores de hoje em dia só conseguem ilustrar vendo tela, né, bota a imagem no Google e vai replicando, mas não conseguem ilustrar o que eles viram. Eles não conseguem desenhar a partir da vivência de ver e sentir o verde das folhas e de sentir como é que é o clima, como é que se sentir dentro, imerso de uma natureza. Tem essa questão do ode à natureza que o Miyazaki trata, com certeza.

**Pedro:** Sobre esse lance do poder da natureza, a Tati fez uma observação muito interessante — e que faz com que a gente, aqui do Brasil, tenha uma relação ainda mais próxima com a mitologia que o filme apresenta.

**TATIANA LEITE:** Eu acho que também continua fazendo uma diferença muito grande o fato de, nos filmes do Miyazaki ter o cuidado de não se ver maniqueísta em relação aos personagens de entre o bem e mal. Os monstros, as bruxas, os vilões também tem um lado interessante. Eu acho que isso é raro, porque acho que fica um pouco chato no final das contas, num geral termina que a última meia hora

é aquela coisa do bem, com o mal e ponto. (...) Eu adoraria encontrar o Miyazaki para perguntar de onde vem a mãe da Ponyo, que é lemanjá para mim, totalmente lemanjá na integralidade, o pai fica ali numa fronteira meio David Bowie e alguma outra...uma outra figura, mas a mãe é lemanjá. Isso eu busquei na época do Ponyo alguma coisa de alguma tradição japonesa que tem alguma conexão direta de uma rainha do mar. E não achei! Então fico me perguntando de onde ele tirou isso.

**Pedro:** Olha, e eu só posso dizer que a aparição da mãe de Ponyo é um dos momentos mais bonitos do filme. É uma figura que surge gigante na tela, vindo do mar e que, realmente, lembra muito lemanjá.

**Natasha:** E a gente já viu aqui que essa espiritualidade é bastante presente no cinema japonês, que é um reflexo da própria forma de como o Japão encara as coisas. O Takashi resume isso muito bem.

**TAKASHI YAMANISHI:** Acho que vai ter que começar a partir sobre a diferença cultural, da concepção da vida e do mundo que o mundo ocidental e os japoneses possuem, pegando, por exemplo, a relação com a natureza. No Japão, é bastante comum a concepção de que existem espíritos ou que existem os que chamam de kami, né, essas entidades na floresta e nas árvores. Eles têm uma visão mais aproximada da natureza de ver que nós fazemos parte da natureza e não que nós estamos aí para explorar a natureza. No Japão antigo, pelo menos tinha essa condição de maior proximidade com a natureza e de que a espiritualidade, a divindade estava por tudo em volta. E já no Ocidente tem essa questão, sobretudo na sociedade judaico cristã, de ter um Deus monoteísta que está aí, sempre te vigiando, te vendo. Talvez essa primeira diferença na concepção da sua existência dentro do mundo, dentro da sociedade em que você vive, possa interferir. E também essa questão do Japão ter essa cultura do cinza, de nada ser no preto e no branco não é o bem e o mal. Não é que os humanos estão sempre errados e a natureza está sempre certa ou não é que os personagens devam ser perfeitos, os personagens estão aí e têm defeitos e são pessoas como nós.

**Pedro:** E sabe a Cacau Ideguchi, que a gente ouviu em outros episódios aqui, também falou uma coisa parecida quando a gente perguntou a ela sobre o Miyazaki. E eu lembro de ter ficado bastante impressionado com uma observação que ela fez sobre a naturalidade com a qual o extraordinário é encarado por esses personagens. Eu vou tocar aqui pra vocês um trechinho:

**CACAU IDEGUCHI:** Então, ele acaba se utilizando muito mais

desses elementos mágicos fantásticos para construir um universo infantil que seja muito atrativo e que consiga passar de forma crível. Quando a gente tá falando de Totoro, ele vai e ele coloca diversos elementos xintoístas no filme inteiro. Você tem pequenos santuários, você tem várias referências religiosas e tal. E isso tudo quando o japonês vê, ele está entendendo do que se trata. Ele está entendendo que o Totoro é um espírito da floresta e a criança também. Por que o pai não se preocupa com isso? Porque ele foi aquela criança. É diferente da gente em que em algum momento a gente esquece assim o nosso mundo permeado de magia e começa a duvidar. Então a criança vem falar porque eu vi sei lá o Divertidamente. E não, você não viu, você está inventando, você está imaginando, você sonhou e tal. A gente faz esses questionamentos porque na época que a gente era criança, os nossos pais nos questionavam. E no Japão é o contrário você tem essa liberdade de entender que não há respostas para tudo, que o desconhecido simplesmente existe, que a vida é assim e que a mágica existe.

**Natasha:** A gente viu aí que, de mágica, o Studio Ghibli entende — e muito. Além dos diretores principais, o Miyazaki e o Takahata, outros tantos fizeram essa magia acontecer, como nos filmes Eu Posso Ouvir o Oceano, O Reino dos Gatos, Contos de Terramar, O Mundo dos Pequeninós e As Memórias de Marnie.

**Pedro:** Inclusive, Natasha, o filho do Miyazaki, o Goro Miyazaki, tem sido um dos principais nomes dessa "nova" fase do Studio Ghibli. É dele, por exemplo, o primeiro filme em 3D da companhia, o filme Aya e a Bruxa, de 2020.

**Natasha:** Esse primeiro lançamento em 3D marca uma nova fase do Ghibli, né, com uma expansão dos horizontes do estúdio na era digital. Hoje, todo o catálogo de filmes está disponível nos serviços de streaming, a trilha sonora de todas as obras também pode ser escutada nos serviços de streaming de música... Sem falar que, vem aí, a gente só não sabe quando, mais um filme do Miyazaki pai, que já promete há um tempo lançar "How Do You Live?", longa baseado no livro de Genzaburo Yoshino, um dos seus livros favoritos da infância.

**Pedro:** Inclusive, o produtor Toshio Suzuki já deu entrevista descrevendo o projeto como uma "fantasia em longa escala". O livro no qual o filme tá sendo baseado, fornece reflexões a respeito da ética, da estrutura da sociedade e sobre a visão japonesa das coisas. Eu, particularmente, tô bastante ansioso.

**Natasha:** E, Pedro, sabe que essa sua descrição aí sobre uma história que envolve ética, estrutura da sociedade e visão japonesa das coisas me lembrou um outro gênero do cinema japonês, beem longe da pureza das animações do Studio Ghibli, mas que carrega essas questões em sua gênese?

**Pedro:** Eu pensei na mesma coisa.

**Natasha:** No próximo episódio, então, os chanbara: os filmes de ação com samurais.

**Natasha:** O podcast da Japan House São Paulo é uma produção da Rádio Novelo. A produtora, roteirista e editora deste projeto é a Clara Rellstab. O tratamento de roteiro é do Tiago Rogero e da Miyuki Teruya. A sonorização é da Júlia Matos, e a mixagem é da Pipoca Sound. A música original é da Mari Romano. A estratégia de promoção é da FêCris Vasconcellos. Os conteúdos para redes sociais foram feitos pelo Tércio Saccol e pela Laura Ashley. A identidade visual é de Thiago Minoru. A coordenação da Japan House São Paulo é de Miyuki Teruya e o conteúdo digital da Japan House SP é de Thelma Nakae e Júlia Casadei.

No site da Japan House você encontra mais conteúdo a respeito dos filmes que a gente trouxe no programa. Eu, Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House São Paulo, apresento esta temporada na companhia do Pedro Butcher. Até semana que vem, Pedro!

**Pedro:** Até mais, Natasha!